



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1512>



## Os 30 anos da Associação Brasileira de História Oral

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang\*

Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, Brasil

A Associação Brasileira de História Oral (ABHO) completa 30 anos neste ano de 2024 e a data convida a reflexões. É um edifício que cresceu a partir de sua fundação durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, em abril de 1994.

História Oral é uma fascinante metodologia de pesquisa. É um trabalho feito com o Outro, com as lembranças e opiniões do Outro, colhidas em uma entrevista gravada, transcrita e analisada com o objetivo de compreender uma questão explicitada em um projeto de pesquisa.

Para Alessandro Portelli (2016), as fontes da História Oral não são encontradas, mas criadas pelo pesquisador em uma entrevista, encontro dialógico pesquisador-pesquisado. No diálogo, a agenda do pesquisador, que corresponde ao que ele deseja saber para seu projeto, não coincide necessariamente com o que o pesquisado deseja contar. Nesses casos o projeto é reformulado, segue outros caminhos, muitas vezes com vantagem. Portelli afirma que a história oral é a arte da escuta. Menciona a importância de ouvir o entrevistado depois do gravador desligado, quando novos fatos e interpretações são revelados.

Buscando as origens da história oral, historiadores remontam à antiguidade, mostrando que Heródoto e Tucídides recorriam à observação direta e a testemunhos, assim como cronistas medievais que recorriam a fontes orais.

Em 1918-1920, Thomas e Znaniecki publicaram nos Estados Unidos os cinco volumes de *The polish peasant in Europe and America*, livro baseado em histórias de vida que se tornou um clássico em Sociologia.

Tratamos da História Oral moderna que teve início nos Estados Unidos com

---

\* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU). E-mail: lang@uol.com.br.

a possibilidade aberta com o invento do gravador. Em 1948, Allan Nevins e Louis Starr fundaram o Oral History Research Office na Universidade de Columbia, Estados Unidos. Seu objetivo era a preservação da memória de pessoas com atuação significativa no cenário americano, em variados campos de atividade. Havia uma preocupação com o arquivamento dos depoimentos obtidos. Era uma história voltada para o estudo das elites, com a preocupação de criar arquivos e cobrir lacunas existentes na documentação sobre a sociedade americana.-

A Escola de Chicago preocupou-se com outras camadas sociais, registrando biografias. Estuda os fenômenos sociais que ocorrem no meio urbano, especialmente em Chicago. Focaliza os comportamentos desviantes.

Em 1961, Oscar Lewis publicou *Os filhos de Sanchez*, estudo antropológico sobre grupos minoritários realizado através de biografias cruzadas coletadas junto aos membros de uma mesma família.

A Associação Americana de História Oral foi fundada nos Estados Unidos em 1967, iniciando a publicação da *Oral History Review* em 1973. O modelo de Columbia suscitou violentos debates, opondo-se “ativistas” e “arquivistas”. Uma solução de compromisso foi proposta por Ronald Grele em seu livro *Envelopes of sound: the art of Oral History* (1991), um verdadeiro manual de história oral. A primeira edição é de 1975.

A História Oral chegou à Europa ocidental no final da década de 60, assumindo outra proposta. Torna-se uma História Oral militante, acreditando ser possível resolver através dela a questão social. Na Inglaterra, Paul Thompson lançou *The Edwardians*, em 1975, e *The voice of the past*, em 1978, este já publicado em português. A perspectiva da História Oral militante orientou os trabalhos de Alessandro Portelli e Luisa Passerini na Itália, Mercedes Villanova na Espanha e Lutz Niethammer na Alemanha. Tem lugar a história dos excluídos contrapondo-se à história oficial.

Na França, a História Oral assumiu uma conotação mais universitária com os historiadores Jean-Claude Bouvier e Philippe Joutard, que publicaram em 1977 *Légende des camisards: une sensibilité du passé*. Na área da Sociologia, Daniel Bertaux desenvolveu o método da aproximação biográfica, que consiste em formular uma hipótese a partir de determinados quadros teóricos e epistemológicos, e coletar relatos de vida para pouco a pouco analisá-los, construindo uma resposta à questão proposta. A observação e a reflexão concomitantes configuram a aproximação biográfica (Bertaux, 1980).

No Brasil, alguns pesquisadores e centros de pesquisa trabalhavam com histórias de vida. Na Universidade de São Paulo (USP), nos anos 1950, o professor francês Roger Bastide dava a seus alunos de ciências sociais aulas sobre história de vida. Entre os alunos, Maria Isaura Pereira de Queiroz, que continuou o trabalho no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), centro que criou e dirigia.

No Encontro do CERU, em 1983, Eva Blay organizou a mesa redonda “História

de vida: problemas metodológicos da investigação e da análise”. Dessa mesa participaram Aspásia Camargo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Guita Grun Debbert, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); e Carlos Brandão, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apresentando comunicações sobre o tema.<sup>1</sup>

Os estudos de história de vida do CERU seguiam então a orientação de Daniel Bertaux e outros como Franco Ferrarotti (1981) e Maria Macciotti. O livro *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)* foi organizado por Olga von Simson (1988), com a participação de pesquisadores italianos e brasileiros.

A História Oral chegou ao Brasil em 1975, com um curso promovido pela FGV no Rio de Janeiro com os especialistas americanos e mexicanos. Desse curso resultou a bem sucedida experiência do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que seguiu o modelo de Columbia, voltado para a preservação da memória da elite política brasileira. Pesquisadores, de locais e instituições diversas, começaram a trabalhar com História Oral.

A semente para a fundação da Associação Brasileira de História Oral foi lançada em São Paulo, na USP, durante o Congresso América 92. José Carlos Sebe Bom Meihy convocou uma reunião de interessados para discutir a possibilidade da criação de uma associação. Foi decidido que uma reunião mais ampla seria feita no ano seguinte, no CERU, organizada por Meihy (USP), Yara Aun Houry (PUC-SP) e Alice Beatriz Lang (CERU). Foi elaborado o programa e convites foram enviados a faculdades e grupos de pesquisa.

O I Encontro Nacional de História Oral, realizado nos dias 19 e 20 de abril de 1993, teve adesão grande, 129 inscritos.

O Encontro compreendeu a mesa redonda com o tema “História Oral: abordagens possíveis, usos diversos”, que foi coordenada por Maria Christina Souza Campos (CERU) e teve como participantes: Antônio Torres Montenegro, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Marieta de Moraes Ferreira (CPDOC), Maria de Lourdes Mônaco Janotti (USP/PUC-SP) e Maria Célia Paoli (USP). Em quatro sessões de Comunicações de pesquisa foram apresentadas 22 comunicações. Estiveram presentes representantes de 14 estados.

Na Assembleia, foi discutida a criação de uma associação de História Oral, com base em um trabalho que seria desenvolvido ao longo do ano por uma comissão designada.

O II Encontro Nacional de História Oral seria organizado por Marieta de Moraes Ferreira. Foi marcado para abril de 1994 no Rio de Janeiro, na sede do CPDOC-FGV. Certamente, um começo promissor.

O II Encontro, com o tema “Documentação oral e multidisciplinaridade”, foi um marco na vida da História Oral brasileira. Na abertura, a conferência do antropólogo

---

1 Resultados em: Cadernos 19, 1ª. Série, junho de 1984.

Roberto Da Matta.

Na assembleia, com a presença de 250 professores e pesquisadores, foi criada a ABHO, aprovado o estatuto e eleita a primeira diretoria: Marieta de Moraes Ferreira como presidente e Alice Beatriz Lang como vice-presidente. Dada a extensão do país, foram criadas 5 regionais (N, NE, CO, SE e S) e eleitos seus diretores. O Encontro Nacional se realizaria a cada dois anos e os regionais nos anos intermediários. Haveria associados coletivos e individuais.

No programa do II Encontro houve conferências de pesquisadores estrangeiros e brasileiros, grupos de trabalho sobre temas diversos e atividade cultural. Sete grupos de trabalho aconteceram, com 58 trabalhos apresentados.

Os textos das conferências e o resumo das comunicações apresentadas foram publicados (Ferreira, 1994). Nessa gestão, foi criado o *Boletim História Oral*, para comunicação entre a diretoria e os associados e a divulgação de notícias da Associação.

Vale lembrar o sucesso da atividade cultural, uma ala de baianas de escola de samba.

Seguiram-se outros encontros, realizados em diferentes regiões do país.

O caminhar da Associação Brasileira de História Oral, se fez sem altos e baixos. Acredito que isso foi possível porque o edifício da ABHO foi construído com base em três pilares que o sustentaram: as reflexões dos conferencistas apresentadas no II ENHO e nos que se seguiram, os Encontros Nacionais e a Comunicação através do *Boletim História Oral* e da revista *História Oral*.

## I. Conferências

No II ENHO, especialistas estrangeiros e brasileiros foram convidados para expor suas ideias e trouxeram reflexões fundamentais para o desenvolvimento da História Oral. São até hoje o norte dos trabalhos dos oralistas. Vale aqui relembrar e, se possível, reler em *História Oral e multidisciplinaridade*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira.

Os conferencistas foram:

**Michel Trebisch**, do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Paris, traçou a história do início da História Oral.

**Mercedes Vilanova**, catedrática de História Contemporânea da Universidade de Barcelona, primeira presidente da International Oral History Association (IOHA), falou das estatísticas e dos silêncios. Mostrou que as estatísticas que definem a maioria e apontam as tendências, levando a encontrar a pergunta certa. Na

entrevista, não se sabe de antemão qual é o texto, quais as possibilidades que serão abertas pelo diálogo.

**Aspásia Camargo**, entre várias posições ocupadas, foi fundadora do Programa de História Oral do CPDOC-FGV. Mostrou que o desafio das ciências sociais é compreender a realidade e não apenas descrevê-la. É um instrumento pós-moderno pela diversidade, flexibilidade e liberdade que a caracterizam;

**Maria Isaura Pereira de Queiroz**, Professora Emérita da USP, colocou suas reflexões no campo da Sociologia, ciência específica dos fatos sociais. Mostrou que o fator social é a mola do comportamento e do destino dos homens. A razão de ser da Sociologia é conhecer para agir sobre as estruturas e a dinâmica social no sentido de seu aperfeiçoamento.

No III ENHO, o conferencista foi o americano **Ronald Grele**.

## II. Encontros Nacionais de História Oral (ENHO)

Correspondem a outro pilar da ABHO.

A cada dois anos, o Encontro Nacional reúne pesquisadores de diversos pontos do país para apresentar e discutir seus trabalhos. Nos anos intermediários têm lugar os Encontros Regionais. Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, a opção foi que os ENHO se realizassem cada vez em uma região, para não se prender ao eixo Rio-São Paulo, onde são mais numerosos os pesquisadores. São realidades diferentes que se apresentam e, de certa forma, facilitam a presença dos pesquisadores dessas regiões.

O III Encontro Nacional foi em Campinas, o IV no Recife, o VI em Goiânia, o VII em Rio Branco, o XI no Rio Janeiro, fazendo-se assim um revezamento de regiões que sediam os Encontros Nacionais.

Neste ano de 2024, será realizado o XVII ENHO na cidade de Joinville.

O II ENHO estabeleceu uma programação que se tornou base para os Encontros posteriores.

**O nome** Encontro Nacional de História Oral permaneceu.

**Conferências** sempre com pesquisadores nacionais e estrangeiros convidados.

**Simpósios Temáticos** oferecendo a possibilidade de apresentação de trabalhos e discussão entre interessados em um mesmo tema.

**Atividade cultural** focalizando um tema relacionado à cultura do local onde o Encontro está sendo realizado.

***Publicação dos resultados***, inicialmente de forma impressa, mas agora em formato digital.

***Tema do Encontro*** escolhido como norteador dos trabalhos. Exemplos:

1994 – II ENHO

Diversidade e multiculturalismo

2006 - VIII ENHO

Memória, democracia e justiça

2012 - XI ENHO

História oral e registros audiovisuais

2022 - XVI ENHO

Pandemia e futuros possíveis

***Mesas redondas*** com 3 ou 4 especialistas na área de interesse.

***Cursos*** ministrados por pesquisadores seniores que apresentam suas propostas.

***Fórum de coletivos*** que trocam suas experiências. Em 2022 foram 18 os coletivos participantes. Os coletivos são de grande importância, porque os associados individuais podem sair da associação por motivos diversos, mas os coletivos são mais permanentes, um pesquisador podendo substituir outro.

***Apresentação de pôsteres***, em geral de graduandos.

***Lançamento de livros***.

Quanto aos temas das conferências, mesas redondas e simpósios temáticos: Metodologia de Pesquisa é o um tema constante, aparecendo em todos os Encontros. Política e Educação são também muito presentes.

Temas desaparecem, outros surgem, obedecendo a contingências. Surgiram Migração, Gênero e Saúde.

Ética apareceu no IV Encontro, desapareceu e voltou encontros depois.

Com as possibilidades abertas pelo avanço da tecnologia, o tema Imagens surgiu com força.

O número crescente de comunicações apresentadas nos Encontros consecutivos (22 em 1993, 250 em 1994, mais de 300 em 2012, 218 em 2018; e 193 em 2022) é uma medida do crescimento do interesse pela História Oral.

Desde o início, o número de participantes foi sempre crescente: no I ENHO eram 129 e no último, o XVI, 470.

O local da realização do Encontro é um catalizador de trabalhos, como a questão da Amazônia no ENHO do Acre.

Nos anos da pandemia, com a impossibilidade de encontros face a face com os entrevistados, experiências foram feitas com o uso da internet. Os resultados precisam ainda ser avaliados.

### III. Comunicação: *Boletim História Oral* e revista *História Oral*

Outro importante pilar da ABHO é constituído pelas publicações, o *Boletim História Oral* e especialmente a revista *História Oral*.

O *Boletim História Oral* foi criado na primeira gestão da ABHO. Era impresso e distribuído para os associados, trazendo notícias da associação. Era o “cartão de visitas” da ABHO, enviado também a outros centros e grupos de pesquisa como uma forma de convite para que se associassem. Depois de alguns anos, o Boletim passou à forma digital. Houve então uma mudança: os boletins não chegavam aos associados, mas tinham de ser por eles buscados. Notícias da Associação e dos associados são comunicados através do *Boletim História Oral*.

A revista *História Oral* tem papel de destaque na divulgação de trabalhos, na integração dos membros da associação e na conexão com autores de outros países e conhecimento de suas obras.

A revista *História Oral* foi criada em 1998 na gestão de Antonio Montenegro. O desenho da capa foi criado para o IV ENHO de Recife. Cada número teria uma cor diferente, com o mesmo desenho, que iria marcar a identidade da revista. O primeiro número foi organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy, estabelecendo os parâmetros para os demais: um dossiê reunindo trabalhos sobre um mesmo tema; trabalhos de autores diversos nacionais e estrangeiros; entrevista; resenha de livros recém-publicados que fizeram uso da História Oral. Além de notícias da Associação.

No número 7, de junho de 2004, Meihy e Lang apresentam um balanço dos números publicados até então em “Revista História Oral: um auto olhar”.

Até o número 11 a revista era impressa, passando então a digital. A capa que marcava a identidade da revista foi modificada nos últimos números, em favor do conteúdo.

As revistas publicadas em 2023 foram dedicadas à História Oral e História pública (v. 26 n. 1); História Oral e cultura visual (v. 26 n. 2); Questões indígenas (v. 26 n. 3). O tema é apresentado no dossiê e em alguns artigos. A capa, no novo modelo, espelha o conteúdo.

## International Oral History Conference

Membros da ABHO participam das Conferências Internacionais, desde a primeira em Gotemburgo, Suécia, em 1996, quando foi criada a Internacional Oral History Association. Nessa Conferência, a numerosa delegação brasileira teve importante papel na eleição da primeira presidente, a espanhola Mercedes Vilanova.

A Conferência seguinte, em 1998, foi realizada no CPDOC-FGV, no Rio de Janeiro. Na Conferência de 2000, na Turquia, a brasileira Marieta de Moraes Ferreira foi eleita presidente da IOHA. Em 2023, a Conferência da IOHA voltou ao Rio de Janeiro.

## Manuais

Alguns importantes manuais de História Oral foram escritos para orientar os pesquisadores: Alberti (1989), Meihy (1995), Delgado (2010), Montenegro (2010), entre outros, e ao lado de muitos estrangeiros, como de Ronald Grele, que foi o conferencista do III ENHO.

## Prêmios da ABHO

A ABHO criou dois prêmios:

Prêmio ABHO de teses Eclea Bosi, criado em 2018, para teses de doutorado.

Prêmio Michel Marie Le Ven de reconhecimento em História Oral. Criado em 2022 para valorizar e homenagear pessoas que tenham oferecido contribuições significativas para o desenvolvimento da prática, reflexão e difusão da História Oral no Brasil. A contemplada pelo 1º Prêmio Michel Marie Le Ven foi Marieta de Moraes Ferreira, que recebeu o prêmio no XVI ENHO, em 2023

**O crescimento da ABHO é constante.** No I ENHO foram 129 participantes e 22 comunicações apresentadas em 4 Simpósios Temáticos. No XVI ENHO, em 2022, foram 470 participantes e 193 comunicações apresentadas em 18 Simpósios Temáticos.

E assim caminha a ABHO

## Referências

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa



e Documentação em História Contemporânea do Brasil, 1989

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: as validité, ses potncialités. *Cahiers Internacionaux de Sociologie*, V. 69, p. 197-225, 1980.

DELGADO, Lucília Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GRELE, Ronald J. *Envelopes of sound: The art of Oral History*. New York: Praeger, 1991.

FERRAROTTI, Franco. *Storia e storie di vita*. Roma: Laterza, 1981.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: USP, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTELLI, Alessandro. *História oral: uma relação dialógica in História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von(Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

Recebido em 11/08/2024

Versão final reapresentada em 12/08/2024

Aprovado em 26/08/2024